

Elaborado por:



Estudos pós-graduados em  
economia política.  
Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo

**Profa. Anita Kon**

**Assistente: Emmanuel Nakamura**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM ECONOMIA POLÍTICA.

*Para más información entre en [www.econolatin.com](http://www.econolatin.com)*

Alguns indicadores relevantes mostram que em julho a economia brasileira começou a apresentar desaceleração, tendo em vista a ocorrência simultânea de uma série de aspectos conjunturais como o fim de incentivos fiscais existentes no período anterior, que resultou em diminuição do consumo, bem como a alta nos preços dos alimentos e recuo (-2,1% em junho) das vendas de papelão ondulado, indicador antecedente da produção industrial.

Em junho foi observada a maior saída de dólares em 18 meses, pelo aumento na remessa de recursos para o exterior, resultado este das operações financeiras de remessas de lucros e dividendos, além de gastos com serviços e viagens internacionais. A saída de dólares levou o BC a reduzir a compra da moeda ante os meses anteriores.

No total do primeiro semestre o país ficou mais dependente do capital volátil de curto prazo vindo do exterior, para cobrir parte (30%) do déficit de suas contas externas. Pesquisa que considera as expectativas de mercado feitas pelo Banco Central, mostra que o fluxo de investimento estrangeiro direto (IED) para o país deverá somar US\$ 33,7 bilhões em 2010, o que corresponde a apenas 70% do déficit em conta-corrente projetado. No entanto, as reservas monetárias do país estão em um nível bem elevado, e poderão ser utilizadas para evitar qualquer desequilíbrio maior.

Como resultado da divulgação dos indicadores que mostram a desaceleração da economia, o Banco Central decidiu reduzir em julho o ritmo de aumento dos juros, quando o Comitê de Política Monetária elevou a taxa oficial de juros (Selic) de 10,25% para 10,75% ao ano, o que corresponde a uma elevação menor do que a anterior, tendo em vista a redução de riscos inflacionários. O aumento da Selic torna o crédito mais caro, o que tende a reduzir a atividade econômica. A política monetária pelo Ministério da Fazenda, com a previsão de desaceleração da economia avaliou que os juros do Banco Central deve ficar abaixo de 12% no final do ano, devido a estes acontecimentos e a estimativa de crescimento do país neste ano, indica uma redução no ritmo da economia, que pode fechar o ano com um crescimento numa velocidade entre 4,5% e 5% anualizados.

O Banco Central avaliou que a crise internacional passou a ter um efeito deflacionário sobre os preços no país e reduziu suas previsões de inflação e aponta uma inflação "ao redor" da meta de 4,5% em 2011. O IPCA de junho ficou em 0%, e o aumento da inflação veio mais de choques sazonais em alguns setores, como açúcar, etanol e hortifrutigranjeiros, do que pressões de demanda, porém a inflação para a faixa da população de menor renda se desacelerou em junho, com variação negativa de 0,38%. Com esse resultado, o indicador acumula alta de 4,78% no ano e de 5,49% nos últimos 12 meses. Já o Índice de Preços ao

Consumidor da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo se desacelerou para 0,04% em junho, após a alta de 0,22% no mês anterior.

Por sua vez, o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos- DIEESE, apurou uma queda no custo da cesta básica em 16 das 17 capitais pesquisadas em junho, com o recuo nos preços da batata, do tomate e da carne que foi o principal motivo para o barateamento das cestas básicas, embora no semestre como um todo, o custo de todas as cestas básicas pesquisadas aumentou.

Neste mês de junho e no primeiro semestre, no entanto, a arrecadação federal bateu recorde e em relação ao ano passado, uma base fraca de comparação por causa da crise econômica, houve alta, em termos reais, de 12,5% na arrecadação do semestre e de 8,5% no mês. Este comportamento foi resultado da alta de 17,5% na produção industrial do semestre, do aumento de empregos e da massa salarial, e ainda do avanço de 14,6% no volume de vendas. Mas o ritmo de expansão da arrecadação vem se desacelerando, tendo em vista a desaceleração em curso da economia.

No que se refere à Balança Comercial, as operações de comércio exterior registraram resultado negativo no primeiro semestre e responderam por 20% da saída de dólar, devido ao nível baixo do dólar e à economia em expansão, que levaram a importações 43,9% maiores, enquanto as exportações tiveram alta de 26,5%. Porém as expectativas são de que as importações não devam continuar crescendo em um ritmo tão dispar das exportações no segundo semestre. Os produtos básicos foram os que elevaram as exportações no primeiro semestre, como petróleo e minério de ferro e embora os embarques de produtos industrializados tenham aumentado, eles perderam participação no total exportado pelo país, caindo de 56% de janeiro a junho de 2009 para 54,4% neste ano. Por sua vez, o aumento das importações foi resultado principalmente da compra de combustíveis (petróleo em alta) e por bens de consumo que subiram 49%, sobrepujando a compra de matérias-primas e de bens de capital. A participação da América Latina no destino de produtos brasileiros subiu de 20,8% para 23,9% no período, devido à recuperação de seus países, enquanto que a da Ásia caiu de 28% para 27,3%, devido ao menor embarque de soja para a China após meses de grandes vendas, devido à recomposição de estoques pelo país asiático.

Com relação à produção industrial brasileira, o ritmo de crescimento da indústria perdeu força ao final do segundo trimestre, como apontou Confederação Nacional da Indústria, particularmente devido à carga tributária, que segue como o principal problema, mas também à piora na situação financeira e recuo na margem de lucro operacional. O déficit comercial das indústrias química, eletroeletrônica e de bens de capital prevê um aumento conjunto de 30% no seu déficit comercial em 2010.

Embora a produção de veículos no país tenha batido um recorde no primeiro semestre em relação ao mesmo período do ano de 2009, as vendas de veículos novos recuaram em junho em 12,4% em junho e os preços, estão sendo pressionados pelo aumento de insumos como o aço, mas a competição tem levado a promoções continuadas.

Na avaliação do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI), no primeiro trimestre alguns fatores pontuais predominaram, como, por exemplo, a antecipação das compras de veículos e outros bens duráveis diante da proximidade do final dos incentivos fiscais. Já no segundo trimestre, a evolução da produção industrial mostrou os ajustes realizados pela indústria, que iniciou uma trajetória mais equilibrada de crescimento, quando a indústria fez previsões de crescer nos próximos trimestres não no padrão de crescimento do primeiro trimestre, mas num ritmo mais condizente com suas capacidades produtivas. Em junho, verificou-se uma contração em setores, cuja produção já vinha se reduzindo de forma muito intensa nos últimos meses, o que pode ser resultado de uma maior importação de bens concorrentes, favorecidos pelo real valorizado, ou ainda pode estar ligada à queda de expectativas das empresas e consumidores observada nos últimos meses.

As pequenas empresas estão mais otimistas que as maiores e dados da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo apontam que o Índice de Confiança do Empresário Industrial cresceu 3,7% em junho para estas menores e esta melhora no indicador das pequenas indústrias está relacionada à recuperação tardia desse segmento, o último a retomar a atividade no pós-crise.

Por outro lado a intenção de compra pelos consumidores tem leve queda em julho (0,7%), depois de que o ritmo de aumento dos empréstimos para pessoas físicas caiu quase pela metade no mês de junho. Mas os analistas salientam que apesar da queda, o índice de consumo das famílias não demonstra tendência de continuação de queda.

No mercado de trabalho, o desemprego recuou em junho para 7%, porém tendo em vista que não houve aumento na geração de empregos, o resultado é explicado pela menor procura de trabalho pela população, ou seja, houve a saída de pessoas do mercado de trabalho em junho, pois houve a queda de 0,5% da População Economicamente Ativa (PEA).